

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

## O QUE AS FALAS DO FILME “A PAIXÃO DE CRISTO” REVELAM?



## WHAT DO THE DIALOGUES FROM “THE PASSION OF THE CHRIST” REVEAL?

Adilio Junior de SOUZA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 03/08/2014 • APROVADO EM 05/02/2015

---

### Abstract

---

This article does a linguistic analysis of the dialogues in Latin present in the film “The Passion of the Christ”, which was produced by North American actor and director Mel Gibson. The aim of this paper is to discuss the use of a “dead” language in a movie that portrays the last hours of Christ. The results show that the Latin pronunciation used more often in the scenes belong to the Ecclesiastic Pronunciation (or Roman Pronunciation), with some forms coming from the Restored Pronunciation (or Reconstituted Pronunciation).



Este artigo faz uma análise linguística das falas em Latim presentes no longa-metragem “A Paixão de Cristo”, filme este produzido pelo ator e diretor norte-americano Mel Gibson. Pretende-se, neste artigo, discutir o uso de uma língua dita “morta” em filme que retrata as últimas horas de Cristo. Os resultados apontam que a pronúncia do Latim que mais foi utilizada nas cenas pertence à Pronúncia Eclesiástica (ou Romana), com algumas formas advindas da Pronúncia Restaurada (ou Reconstituída).

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** The Passion of the Christ. Latin. Latin pronunciation. Linguistic analysis.

**PALAVRAS-CHAVE:** A Paixão de Cristo. Latim. Pronúncias do latim. Análise linguística.

---

## Texto integral<sup>1</sup>

---

### INTRODUÇÃO

Este estudo pretende, por meio da análise linguística em forma de transcrições fonéticas, discutir sobre o que as falas em latim do filme *A Paixão de Cristo* podem revelar aos telespectadores. Neste sentido, será possível identificar a pronúncia ou pronúncias que foram empregadas no longa-metragem.

Pelos dados expostos no *DVD* e do *VHS*, o que é comprovado também no áudio, sabe-se que os idiomas que aparecem no filme são: Latim, Hebraico e Aramaico. Além do realismo das cenas, o que realmente chama a atenção do público é o uso destes idiomas. Por esta razão, objetiva-se, neste artigo, apresentar ao leitor uma amostra de uma das línguas utilizadas no filme, a língua latina.

Espera-se, assim, contribuir para o entendimento deste idioma em sua verdadeira morfologia, mediante apresentação de dados fonéticos extraídos do áudio. A base teórica empregada é oriunda das teorias linguísticas, em especial da Fonética/Fonologia e Linguística Histórica. Além disso, os trabalhos de Irwin e Gracia (2004), Souza (2010), Sadovski (2004a; 2004b), Ribeiro e Cândido (2010), Espíndola (2008), Leite (2009), Funari (2002), Ilari (1992), Coutinho (1962), entre outros, foram utilizados para reforçar a fundamentação deste texto. Os dados serão expostos em tabelas, facilitando a leitura dos casos selecionados.

Ressalta-se que esta investigação se baseia *unicamente* na pronúncia dos atores envolvidos nas cenas analisadas; entre os quais se destacam, por exemplo, os que interpretaram: *Jesus, Pilatos, Cláudia e Abenader*. Deste modo, os resultados dizem respeito *exclusivamente* ao Latim adotado neste filme.

## 1 QUAIS MOTIVOS LEVARAM MEL GIBSON A EXCLUIR CERTAS LEGENDAS?



Neste primeiro momento, faz-se necessário compreender um pouco do fundo histórico que permeia a produção de Mel Gibson, de modo que, sem esta exposição, o entendimento acerca dos cortes nas legendas poderia ser comprometido ou ser visto como algo irrelevante.

A ausência de legendas é constante em *A Paixão de Cristo*. Sabe-se que a verdadeira intenção de Gibson era que o filme não apresentasse qualquer tipo de texto. O diretor queria mostrar apenas a linguagem corporal contando a narrativa, mas posteriormente decidiu inseri-las em algumas cenas. E isto fica claro nos seus comentários nos “extras” do filme. Sobre esta questão e principalmente sobre o uso de idiomas antigos, Espíndola tece este comentário:

As personagens do filme comunicam-se em línguas que vigoravam no período em que se passa a história: os judeus falam aramaico; os romanos, latim. Houve inicialmente a intenção de não incluir legendas no filme, num projeto que pedia uma cooperação constante do leitor para a interpretação do filme e dedução das falas das personagens, deixando o sentido a cargo da imagem e do som, articulados com o pré-conhecimento da narrativa dos Evangelhos.

Apesar de ter sido lançado com as legendas, o filme ainda demanda uma intensa participação do leitor. *A Paixão de Cristo* tem uma narrativa extremamente sintética; a construção das personagens no filme e sua associação às personagens da Bíblia, bem como a associação de eventos do roteiro, depende da intervenção e do repertório do espectador, conforme observaremos de forma detalhada mais adiante. (ESPÍNDOLA, 2008, p. 64-65, grifos do autor).

Por meio destas palavras, entende-se que a falta de legendas nesta produção é um fato, que na maioria das vezes, impede parcialmente o entendimento da cena. O telespectador fica completamente “perdido”, sem compreender nenhuma palavra (normalmente por causa do hábito de assistir filmes dublados em sua língua nativa); permanecendo assim, completamente confuso. As opiniões sobre esta produção são as mais variadas possíveis, mas há quem o defenda veementemente (CASTRO, 2007; CALDAS FILHO, [s/d]; SADOVSKI, 2004b).

Um exemplo de uma das críticas que a produção recebeu, diz respeito à sentença dita “antissemita”, na qual os fariseus proferiram a afirmação: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (MATEUS, 27: 25). Nesta cena em questão, percebe-se nitidamente a ausência de legendas tanto em Português, Inglês e Espanhol. É importante esclarecer que, realmente, não há legendas, pois a produtora de Gibson decidiu cortá-las do filme para evitar maiores represálias. Isto ocorre diversas vezes durante todo o longa-metragem. Gibson foi alvo de muitas

críticas; a maior parte das pessoas que vê sua produção afirma que é “antissemita” (apontando os hebreus como os assassinos do Cristo, tido como o Messias). Então para evitar maiores complicações, foi retirada a legenda desta parte e muitos outros trechos.

Não há dúvidas que o diretor de um filme tenha total “liberdade” para exigir de seus atores, primários (principais) ou secundários (coadjuvantes ou figurantes) o que bem desejar. Ele exerce, evidentemente, a função de um coordenador ou até mesmo de um líder dentro do set de filmagens: ele pode mandar em tudo e em todos. No caso de *A Paixão de Cristo*, uma produção que tenta relatar uma época similar à do período da existência de Jesus Cristo não foge a esta regra.

Difícilmente, algum laico perceberá que está diante de línguas consideradas “mortas”, que foram faladas há pouco mais de dois mil anos. Provavelmente, ele acreditará que o que está ouvindo é apenas um idioma que ele nunca ouviu.

É assim que o Latim, língua do Lácio, falada pelos antigos romanos (CUNHA, 2007, p. 62), o Aramaico, língua semítica falada pelo povo de Aram ou Arameu, que ocupava uma parte da Mesopotâmia e na Palestina (CUNHA, 2007, p. 404) e o Hebraico, língua falada pelo povo hebreu ou antigo povo judaico (CUNHA, 2007, p. 466), presentes em *A Paixão de Cristo* são percebidos pelas pessoas (GRACIA, 2004, p. 178). Afirma-se até que o Hebraico e o Aramaico seriam línguas próximas ou irmãs, o que dificultaria mais ainda a separação entre elas (FUNARI, 2002, p. 128). As três línguas possuem histórias milenares e são mundialmente conhecidas. As pequenas diferenças fonético-fonológicas entre estas línguas, dificilmente seria percebidas pelos telespectadores desatentos.

De um lado, alguns não conseguirão entender os diálogos, principalmente pelo fato de não existirem legendas ou por não haver cópias dubladas em *DVD* ou *VHS*, uma vez que a produtora de Gibson proibiu toda e qualquer alteração em seu filme em todos os países; do outro, as pessoas que possuam algum conhecimento em Línguas Clássicas, Filologia, Linguística Histórico-Comparativa ou áreas afins possivelmente compreenderão a maior parte das falas dos personagens ou pelo menos estarão cientes de que estão diante de idiomas antigos.

Acredita-se que o uso do Latim neste filme não foi por uma simples questão de estética. A presença deste idioma no longa-metragem, possivelmente não indica interesses pessoais ou religiosos; foi, antes de tudo, uma necessidade histórica.

É provável que a intenção de Gibson fosse produzir um filme que, por um lado, tratasse do mesmo tema muito debatido no círculo religioso e filosófico, a morte de Cristo, mas que por outro, fosse uma produção independente, fora dos padrões comuns de Hollywood, ou seja, diferente daqueles filmes com muita ação, adrenalina e produzidos no idioma norte-americano. A ideia era adaptar a produção à época de Cristo, com vestimentas, linguagens e atmosfera. Por isto a opção pela língua latina em detrimento à inglesa (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2010).

A produção de Gibson, deste modo, não seria uma “ficção” completa, teria sim, os mais variados efeitos visuais, efeitos sonoros, uma fotografia bem elaborada, cenografia esplendorosa, com o toque de arcaísmo no tocante às línguas

faladas pelos atores. Seria então uma adaptação distinta das que foram feitas sobre Cristo até o momento.



Diante disso, ouvem-se durante todo o filme, os três idiomas mencionados. Há momentos que em se tem nítida percepção que os atores são mesmo de outras nacionalidades diferentes da que pertencem. É como se nas cenas que se desdobram, o público fosse levado à Palestina no tempo do Messias. A comoção é inevitável especialmente para os cristãos (CASTRO, 2007).

No entanto, algo negativo também ocorre: nem todas as cenas são legendadas. Há cenas, como é caso das “chibatas de Jesus” em que quase não se lê uma palavra, apenas se ouve. Neste artigo, portanto, serão expostos detalhamentos de cenas como estas, mostrando não apenas a pronúncia aproximada das palavras empregadas, mas também a legenda morfológica reconstruída a partir do que se ouviu. Assim, o leitor terá oportunidade de ler as palavras ou expressões semelhantemente como foram pronunciadas, podendo ainda lê-las em Latim, com respectiva tradução.

Esta “mistura” de línguas levam grande parte da plateia a ver o filme como um épico impecável, perfeito no sentido estrito da palavra. Todavia, a análise dos diálogos e monólogos que aqui serão expostos encontrará uma “barreira” neste sentido. A junção de três línguas provoca uma espécie de interrupção auditiva, ou seja, há entre elas certas diferenças fonológicas e fonéticas, porém quando se encontram juntas, estas distinções se tornam quase imperceptíveis.

Algumas informações podem, exatamente por este motivo, não ser totalmente confiáveis, visto que o objetivo deste artigo é analisar unicamente as falas em Latim presentes nos discursos dos personagens. Destarte, quaisquer erros fonéticos, fonológicos ou morfológicos devem ser vistos com muita cautela e, de maneira algum, estes “erros” devem ser aplicados ao filme em si, mas sim a todas essas “complicações”: ruídos e interferências nas cenas; presença constante de uma música fúnebre; ausência de legendas em Latim; bilinguismo constante; pronúncias sussurradas entre os personagens e por último, a utilização de expressões do Latim Vulgar ou Clássico que são confusas ou desconhecidas.

## 2 O LATIM FALADO NO FILME É O CLÁSSICO OU VULGAR?

Há ainda alguns pontos relacionados ao uso da língua latina em *A Paixão de Cristo* que devem ser esclarecidos o quanto antes. Atualmente, quando de se fala no filme, ouvem-se todos os tipos de comentários, muitas vezes improcedentes. Todavia, é preciso separar uma crítica infundada de um comentário calcado em uma investigação científica, tal como fazem Ribeiro e Cândido (2010, p. 122) quando declararem que:

Há alguns anos, a exibição do filme “A Paixão de Cristo” do cineasta norte-americano Mel Gibson, falado em Aramaico e latim, despertou em muitos estudantes de língua latina, em particular, e

no público, em geral, certa curiosidade a respeito da pronúncia do latim falado nos tempos de Jesus Cristo (séc. I a.C.). Isso, aliás, a despeito de sabermos que o idioma latino falado no referido filme é o chamado eclesiástico, que era usado na Idade Média pelos abades da Igreja Católica Romana [...].



Neste trabalho, os autores tomam esta Pronúncia Eclesiástica (ou Italiana para usar termos comuns aos autores), para elaborarem uma descrição minuciosa dos sons vocálicos e consonantais que a compõem. O que importa, nesse estudo mencionado, é que há evidências que atestam que o Latim empregado no filme tem os mesmos traços do idioma falado no tempo de Cristo, como se verá mais adiante.

Corroborando com o que foi dito, na edição brasileira de *A Paixão de Cristo: Mel Gibson e a Filosofia*, o editor Costa (2004, p. 13) afirma que “[...] Em todo o filme ouve-se aramaico, hebraico antigo e latim, resgatando os idiomas usados na época”. Dessa forma, não há dúvidas quanto à originalidade desta produção, que tenta recriar um ambiente realista através do uso de línguas antigas.

Entretanto, William Irwin diz que em *A Paixão de Cristo*, o Gibson cometeu um “erro”, mesmo sendo quase imperceptível o problema, o filósofo acredita que esse erro compromete a imagem do filme, no que diz respeito aos fatos históricos e sociais. Irwin rejeita a ideia de que “Jesus” pudesse falar Latim. Nas palavras do autor:

Um aparente erro em *A Paixão*: o Jesus de Gibson conversa com Pilatos em latim. Embora como Deus Jesus fosse capaz de falar latim ou qualquer outro idioma, como filho humano de um carpinteiro de Nazaré seria muito improvável que ele falasse aquela língua. Como governador de Jerusalém, Pilatos, por outro lado, provavelmente falava latim e aramaico. (IRWIN, 2004, p. 167).

Todavia, esta afirmação não é totalmente coerente com o período histórico, uma vez que Pilatos era um governador romano não seria necessário que ele falasse a mesma língua que Jesus, mas sim que Jesus usasse o idioma do governador; simplesmente pelo fato de Pilatos ser considerado socialmente superior a um judeu, então este judeu deveria por obrigação usar o Latim. Contudo nada impedia que ambos soubessem falar as duas línguas, já que tanto o primeiro idioma quanto o segundo coexistiam livremente. O ponto de vista de Irwin sobre esta questão parece ter um tom de sátira, muito mais do que filosófico. Na verdade, Jesus dificilmente falaria, por exemplo, o Grego (FUNARI, 2002, p. 128).

É importante ressaltar que segundo a história das civilizações, Jerusalém (também conhecida por Canã, Palestina, “Terra de Israel”, “Terra da Promessa” e “Terra Santa”) só foi dominada pelos romanos na época em que seu Império já havia sido concretizado. Por causa da grande distância que há entre a cidade de Roma e Jerusalém, o Latim que chegava aos territórios desta última, era o Latim Vulgar, já parcialmente alterado.



Em *A Paixão de Cristo*, como também na história, o personagem *Jesus* nasceu na cidade de Belém, uma vila de Judá, que fica a aproximadamente oito quilômetros de Jerusalém. Neste mesmo período, o Aramaico, o Hebraico e o Grego eram usados como línguas oficiais (o Grego *koiné* era a língua dominante). A variedade do Latim utilizada pelas pessoas era a Vulgar. *Jesus* era judeu e isto leva a crer que ele não falava apenas o Latim, pois naquela região havia ainda resquícios de outras línguas, provavelmente ele também falava o Aramaico, Hebraico e talvez um pouco do Grego Antigo (língua falada pelos povos da macedônia, de Atenas e de outras regiões da Grécia) (FUNARI, 2002). Em *A Paixão de Cristo*, o “*Jesus*”, deve, portanto falar estas línguas. No caso da língua latina em especial, o ator teria a “obrigação” de seguir as normas do Latim Vulgar, o que poderá não ter acontecido.

Diferentemente de William Irwin, o professor de Filosofia Jorge J. E. Gracia baseia-se em fundamentos históricos para esclarecer e acentuar a diferença entre o Latim e o Aramaico:

Há um outro fator interessante ligado ao som no filme de Gibson que não existe nos textos: a linguagem falada no filme. Ouvimos *Jesus* e os Apóstolos falar em aramaico e Pôncio Pilatos e os romanos, em latim. As diferenças entre as duas línguas são substanciais e são percebidas de modo diferente por expectadores diferentes. Para alguém cuja língua nativa é românica, o aramaico soa rude, confuso e estranho; enquanto o latim soa suave, claro e sofisticado. (GRACIA, 2004, p 178).

Com base nesta afirmação, é possível reforçar o que dito anteriormente, a percepção de línguas diferentes nem sempre é a mesma para todos aqueles que as ouvem. Dependendo da nacionalidade, a percepção será de um modo e para o brasileiro, cuja língua materna é de base românica, evidentemente que o Aramaico soa “rude”, mas não se pode generalizar isto, pois é possível que mesmo alguns brasileiros tenham tido uma impressão diferente.

Outro fato que chama a atenção da plateia é a “adaptação” do texto escrito para o cinema. Sobre isto, a afirmativa do filósofo Irwin (2004, p. 168) é convicta: “Claro que os Evangelhos não foram escritos em latim, mas em grego”. É importante lembrar e esclarecer que esta afirmação realmente condiz com a verdade sobre a forma como foram escritos os Evangelhos, uma vez que com o domínio de Alexandre, o grande, os textos do Antigo Testamento foram todos traduzidos para o grego, assim como o Novo Testamento, que foi totalmente escrito neste idioma. Mas o que realmente “está em jogo” aqui não é se o texto foi escrito em Latim ou Grego, o fato é que no período em que *Jesus* viveu, tais línguas eram faladas; aliás, falavam-se ainda muitas outras.

Assim como o Irwin, Gracia também se apoia na ideia do uso da língua latina para tecer alguns comentários e críticas ao filme de Gibson:

No filme, Pôncio Pilatos fala em latim com várias pessoas, incluindo Cristo, mas será que ele realmente fez isso? Latim não era uma língua falada comumente naquela época na Palestina. Além do mais, os evangelhos foram escritos em grego, não em latim. Portanto trata-se de uma reconstituição baseada naquilo que Gibson e seus conselheiros acreditavam fazer sentido, considerando que Pilatos era romano. Algo similar pode ser dito acerca do uso da língua aramaica em vez da grega no filme. (GRACIA, 2004, p 181).



Conforme a passagem lida, fica parecendo que Gibson agiu de livre e espontânea vontade para adaptar o texto bíblico ao filme. Mas não o foi. O objetivo de Gibson era de “restaurar” as línguas que se falavam naquele tempo e é evidente que o Latim foi pouco usado na Palestina devido à presença do Grego como língua do comércio. No entanto, o diretor sabia que não faria sentido que Pilatos ficasse falando em Grego com Jesus ou com qualquer outra personagem. A língua nativa de Pilatos era o Latim e não o outro idioma. Do mesmo modo, não faria sentido o governador da cidade da Palestina ficar falando apenas em Aramaico. O que se sabe, portanto, ele deveria ser poliglota, assim como muitos outros habitantes daquela região.

Para compreender melhor a posição tomada pelos referidos autores é necessário conhecer como se processou a propagação da língua latina. A respeito da difusão do Latim, o filólogo Rodolfo Ilari aponta, no livro *Linguística Românica*, que:

Seja como for, o latim, presente nas regiões submetidas numa variedade popular (o latim falado do exercito, dos comerciantes e, em certos casos, dos veteranos assentados como colonos), e numa variedade erudita (a variedade escrita dos magistrados, da jurisdição e, até onde esta existia, da escola) ia-se [sic] impondo como língua que exprimia uma cultura mais avançada e que abria melhores perspectivas de negócios e ascensão política e social [...]. (ILARI, 1992, p. 49).

De acordo com este ponto de vista, o Latim dos conquistados não era o culto, mas o informal (coloquial), de uso diário. Outro ponto de vista bastante pertinente é o que se encontra em *Pontos de Gramática Histórica*, no qual o também filólogo Ismael de Lima Coutinho adverte:

Convém ressaltar que não houve coação dos vencedores. O Latim, levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se pela força (sic) das próprias circunstâncias: tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior, era o idioma da escola. (COUTINHO, 1962, p. 54).



Baseado nas afirmações destes dois últimos autores é possível concluir que o prestígio do Latim concretizou-se a partir da necessidade de seu uso, uma vez que esta língua tornou-se o meio de comunicação para o comércio entre as colônias romanas, tomando o lugar que pertencia ao Grego. Este Latim passou a ser utilizado para divulgação da cultura e educação nas escolas mais simples.

Todas essas afirmações indicam que em *A Paixão de Cristo* seria inevitável que “Jesus” falasse o Latim diante de “Pilatos”, uma vez que este último tinha o poder político por se tratar de um Governador romano. “Jesus” não passava de um judeu e o Hebraico e Aramaico eram, de certa forma e naquele momento, considerados línguas (ou dialetos) de “baixo nível”, se comparados com a língua latina. Portanto, “[...] O latim que chegava aos territórios conquistados pelos romanos, porém, não era o latim erudito (linguagem culta) de Roma, mas o latim vulgar, falado pelos soldados, pelo povo” (LEME, 2003, p. 11).

É importante ressaltar que a modalidade chamada de “vulgar” é apenas uma das inúmeras variedades que o latim assumiu durante sua expansão, pois, na verdade, “[...] o latim que se vulgarizou no território ibérico foi o do povo inculto, o *sermo vulgaris, plebeius* ou *rusticus*, de que nos dão notícias os gramáticos latinos” (COUTINHO, 1962, p. 56, grifos do autor).

Isto é, o Latim implantado na Península Ibérica não era o mesmo adotado por Cícero e outros escritores da época clássica. Era sim o denominado Latim Vulgar, sendo este de vocabulário reduzido, falado por aqueles que encaravam a vida pelo lado prático, sem as preocupações estilísticas do falar e do escrever; os falantes da variante “vulgar” não tinham a preocupação de falar e escrever “corretamente” como os nobres, para eles, o que importava era serem entendidos (LEITE, 2009). Nas palavras de Coutinho (1962, p. 56):

A outra modalidade, denominada *sermo urbanus, eruditus* ou *perpolitus*, em que escreveram suas obras imortais Cícero, César, Vergílio, Horácio e Ovídio, foi aí [no território ibérico] também conhecida, sim, mas nas escolas, o que é atestado pela existência de alguns célebres escritores hispânicos, como Sêneca, Marcial, Lucano e Quintiliano. Mais tarde são os conventos ou mosteiros que guardam as tradições da boa latinidade.

O conjunto das variadas modalidades sob as quais uma língua se apresenta chama-se variantes linguísticas, variantes estas que podem ou não ser adotadas pelas pessoas de uma determinada comunidade; no caso do Latim Clássico (*SERMO VRBANVS, ERVDICTVS* ou *PERPOLITVS*) a aceitação partiu da elite, senado, nobreza e patrícios, já a variante vulgar (*SERMO VVLGARIS, PLEBEIVS* ou *RVSTICVS*) se tornou a variante falada pelos plebeus, clientes e escravos. Têm-se ainda, as seguintes modalidades: *SERMO COTIDIANVS, SERMO VSVALIS, SERMO PROLETARIVS*, e o *SERMO INCONDITVS*. Que eram utilizadas pela “massa”, ou seja, pelo povo em geral (LEITE, 2009).

Vale ressaltar que as línguas apresentam naturalmente variações. Estas transformações podem ocorrer de uma forma bem definida e sistematizada. Existe

a variação “vertical”, apropriada à “estratificação da sociedade em classes”, e a “horizontal”, adequada às “diferenças geográficas; além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala” (ILARI, 1992, p. 57).

O Latim, a língua de uma sociedade que estava evoluindo e se tornando cada vez mais complexa, não poderia escapar a essa regra. Era inevitável que apresentasse diferentes socioletos, isto é, a forma específica como cada grupo social usa a língua, já que a sociedade romana foi por muito tempo composta de patrícios, plebeus e escravos, cada uma dessas classes (comunidades linguísticas) tinha suas características próprias em relação ao uso da língua. “[...] Por outro lado, tornando-se a sociedade romana mais complexa e articulada, é fácil imaginar que se diversificariam também as situações de uso da língua [...]” (ILARI, 1992, p. 57).

Há vários tipos de variantes, dentre elas, as mais importantes estão: a variante popular, culta, geográfica ou regional, situacional, social e histórica. Dentro de uma mesma comunidade linguística pode haver indivíduos que usam formas de falar com peculiaridades específicas do próprio falante. O seu idioleto (“estilo”, “maneira” ou “modo de falar” individual) pode não ser tão diferente dos outros membros do grupo, mas há em sua fala elementos que nenhum outro contém. “Esses diversos modos de alguém usar a língua recebem o nome de registro. Assim, dependendo da situação, e principalmente da pessoa com quem se fala, usa-se um registro mais ou menos formal” (LEME, 2003, p. 37).

No caso de *A Paixão de Cristo* o que realmente aconteceu foi que “Jesus” optou por falar da mesma forma que “Pilatos”. A linguagem empregada no discurso de “Jesus” era baseada no conhecimento que ele tinha a respeito do Latim falado pela sociedade romana. Conclui-se com isso que, de acordo com a história, “Jesus” podia facilmente falar qualquer uma das línguas, mas é neste ponto que surge um questionamento; será que os atores sabiam realmente falar tais línguas?

Para responder a esta pergunta basta analisar o texto escrito por Roberto Sadovski, Editor-Chefe da revista *SET*. Neste artigo, Sadovski faz o seguinte comentário a respeito de Gibson e do elenco de seu filme:

[...] Católico fervoroso, Gibson tirou de seu próprio bolso o orçamento de *The Passion of the Christ*. Só assim ele teria a liberdade de usar os idiomas falados na época (aramaico, latim e um pouco de grego), deixando o filme todo legendado. A via-crúcis do diretor foi dividida com Jim Caviezel, dono do papel principal, e Monica Bellucci, que interpreta Maria Madalena – o restante do elenco é formado em sua maioria por atores italianos, como forma de aproveitar as filmagens no país. (SADOVSKI, 2004a, p. 20).

Adverte-se que não se deve, contudo, tomar o que autor aponta acima, no que diz respeito ao fato de Gibson ser católico “fervoroso”, para ser chegar a uma falsa conclusão de que o filme usa a língua da Igreja Católica Apostólica Romana, com finalidade religiosa. Caso assim o fosse, a própria Igreja e o Santo Papa teriam

algum tipo de ligação com a Produtora, o que não se sabe e nunca foi provado. Nada liga o filme ao Vaticano.

Ainda sobre os atores presentes no filme, Gracia (2004, p. 182) afirma: “[...] Ele [Gibson] vestiu seus personagens, incluindo Cristo, com roupas historicamente exatas; e os atores foram ensinados a falar corretamente as línguas antigas”. Estas são evidências “concretas” da competência dos atores e do empenho do diretor em relação à linguagem usada no filme. Percebe-se nitidamente que os atores, por serem em sua maioria italianos, devem “provavelmente” falar um Latim italianizado, isto é, uma Pronúncia Eclesiástica (Romana).

Em relação à Pronúncia Tradicional, é necessário esclarecer um ponto muito importante: *os diálogos presentes nas falas do filme não devem e não podem se enquadrar nesta pronúncia*, uma vez que “a pronúncia tradicional, bastante usada pelos acadêmicos de Direito, [é] ligada mais ao resultado da transformação dos fonemas do Latim para o Português, numa pronúncia aportuguesada” (GARCIA, 2008, p. 19, grifos da autora).

Isto é, a sua utilização é basicamente voltada para um tipo de Latim “moderno”, evoluído e transformado nas línguas românicas. E o filme, segundo o diretor, busca representar fielmente a linguagem usada por “Pilatos”, os “fariseus”, “Jesus” e seus seguidores. Dessa forma, percebe-se que só há duas alternativas: ou os diálogos seguem uma lógica temporal, na qual os atores falam um “Latim Vulgar”, contendo elementos das Pronúncias Eclesiástica e/ou Restaurada, sendo a primeira uma pronúncia “italianizada, por ter sido difundida pela Igreja Católica” e a segunda por ser uma pronúncia “adotada pela grande maioria das Universidades, nas áreas de língua latina e linguística. Essa pronúncia é resultado de acurados estudos linguísticos, embasados na linguística comparativa” (GARCIA, 2008, p. 19) ou seguem uma lógica qualquer, sem levar em consideração o fato histórico.

### 3 ANÁLISE FONÉTICA DAS FALAS DOS PERSONAGENS

Nas transcrições fonéticas e reconstruções morfológicas aparecerão as seguintes *Legendas*:

- a) “[...]” indicará que a palavra ou frase pronunciada não foi identificada, é incompreensível, foi sussurrada ou não pertence ao Latim;
- b) “[ ]”, por ser um supra-segmento (também chamado de “acento principal” ou “primário”) indicará a sílaba mais forte;
- c) “[<sup>w</sup>]” que servirá para indicar que a consoante anterior a ele sofreu um processo de “labialização”. Ex.: [g<sup>w</sup>]e [k<sup>w</sup>] tem o mesmo valor fonético de [gw] e [kw] respectivamente.

### 3.1 Transcrições Fonéticas das falas em Latim

Diálogo entre Pilatos e Abenader (período da ocorrência: 22 - minutos)
Transcrição Fonética
[ˈdɔmine tuˈmʉtusˈadˈtemplum ˈkʷidinˈmediaˈnɔkte abeˈnader iˈnɔstʃes ˈkʷivis tuˈmʉtusˈadˈmurum ˈkajafasprɔˈfɛntamˈkʷendam ˈinkusˈtɔdiaˈdatuˈmesɛˈfɛʃit ˈkʷuem galiˈleumumˈkʷendam viˈdetur fariˈseusˈestɛumoˈdisent galiˈleus ˈdeˈkʷuloˈkʷimini]
Reconstrução morfológica em Latim
<ul style="list-style-type: none"> <li>– DOMINE, TVMVLTVS AD TEMPLVM...</li> <li>– QVID IN MEDIA NOCTE, ABENADER?</li> <li>– IGNOSCES!</li> <li>– QVID VIS?</li> <li>– TVMVLTVS AD MVRVM. <u>CAĪAPHAS</u> PROPHETAM QVEDAM IN CVSTODIA DATVM ESSE FECIT.</li> <li>– QVEM?</li> <li>– GALILAEVM QVEDAM, VIDETVR PHARISAEVS EST EVM ODISSENT.</li> <li>– GALILAEVS? DE QVO LOQVIMĪNI?</li> </ul>
Legenda em Português
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Senhor, há um tumulto em...</li> <li>– O que foi? A esta hora da noite, Abenader?</li> <li>– Peço desculpas.</li> <li>– Qual é o problema?</li> <li>– Tumulto perto do templo. Caifás mandou prender um profeta.</li> <li>– Quem?</li> <li>– Um certo galileu. Parece que os fariseus o odeiam.</li> <li>– Um galileu? De quem falam?</li> </ul>
<p>Obs.: o termo “CAĪAPHAS” é encontrado nos dicionários de Latim Clássico grafado sem o segundo “a”, ficando apenas “CAĪPHAS”; todavia vale salientar que esta primeira grafia pode ser uma variação da segunda, isto é, o vocábulo “CAĪAPHAS” é uma variante linguística, que pertence ao Grego, como defende Souza (2010).</p>

Diálogo entre Pilatos e Cláudia – parte I (período da ocorrência: 38 - minutos)
Transcrição Fonética
[ˈnɔliˈhunkˈhominɛmgaliˈleumkondeˈnare ˈsantusˈest ˈtantumˈtibiˈipsimɔˈlestusˈeris ˈsiˈidntɛˈrɛstanoˈsionɛˈmeamɔˈlestia ˈklawdia ˈɛkrɛmɔkʷɔsˈtasio ˈista plɛˈbɛkula ˈibiˈfɔris]
Reconstrução morfológica em Latim
<ul style="list-style-type: none"> <li>– NOLI <u>HVNC</u> HOMĪNEM GALILAEVM CONDEMNARE. SANCTVS EST. TANTVM TIBI IPSI MOLESTVS ERIS.</li> <li>– SCIS ID INTEREST A NOTIONE MEĀ MOLESTIĀ, CLAVDĪA?</li> <li>– E CREMO QVO STATIO, ISTA PLEBECVLA IBI FORIS.</li> </ul>

Legenda em Português
<p>– Não condene este galileu. Ele é santo. Só vai arranjar incômodos.</p> <p>– Sabes qual é a minha noção de incômodos, Cláudia? É esta província fétida, essa ralé lá fora.</p>
<p>Obs.: A presença do “H” aspirado indica uma pronúncia erudita, isto é, uma pronúncia culta e elegante.</p>

Diálogo entre Pilatos e Jesus (período da ocorrência: 40 - minutos)
Transcrição Fonética
<p>[ˈfɛrtɛɪstʊmhʊk ˈvɔs ˈitɛ] [...] [aˈtɛmɪtˈɪpsuˈtuˈhʊkˈdɪtʃɪs ˈautˈnɔsrɔˈgʌsˈkʷiˈaliɪ ˈsɪkɪdɪkˈsɛrʊnt ˈtɪbɪ ˈdɛ ˈmɛ ˈkʷɔmɔdoegˈwɔˈɪpsɪˈtʌlɛskʷɛstɪˈɔnɛsprɔpuˈsɪsɛm] [...] [ˈnʊmkʷɪdˈɛgɔɪwˈdɛʊs ˈpɔnˈtɪfɪtʃɪsˈtʊɪˈmɪhɪˈtɛtrʌdɪˈdɛrʊnt] [...] [ɛfɪˈtʃɛrɛmtɛˈvɔlʊnt ˈkʊr ˈkʷɪdʃɛˈtʃɪst ˈrɛksˈɛstˈtu ˈrɛɡnʊmˈmɛʊmˈnɔnˈɛstˈdɛˈhʊkˈmʊndɔ ˈsɪˈɛsɛt ˈpʊtʌsmɪˈnɪstrɪˈmɛˈɪstɔˈsɪˈtrʌdɛrˈmɛɪ] [...] [ˈsɪˈfʊɪsɛt] [...] [ˈɛrgɔˈrɛksˈɛs ˈɛgɔˈɪnˈhɔkˈnatʊˈsʊm ˈtɛstɪˈmɔnɪmˈvɛrɛˈtʌtɪpɛˈrɛbɛʌm ˈɔmɪnɪsˈkʷɪ ˈvɛrɛˈtʌtɛmˈʌwɪdɪwnt ˈvɔtʃɛmˈmɛʌˈʌwɪdɪwnt ˈvɛrɪtʌs ˈkʷɪdˈɛstˈvɛrɪtʌs]</p>
Reconstrução morfológica em Latim
<p>– FERTE ISTVM HVC. VOS ITE. – [...]</p> <p>– A TEMET IPSO TV HOC DICIS, AVT NOS ROGĀS QVIA ALII SIC ID DIXERVNT TIBE DE ME?</p> <p>– QVOMŌDO EGO ISPE TALES QVESTIONES PROPOSVISSEM? [...] NVMQVID EGO IVDAEVS? PONTIFICES TVI MIHI TE TRADIDERVNT. [...] IFFICEREM TE VOLVNT. CVR? QVID FECISTI? REX EST TV?</p> <p>– REGNVM MEVM NON EST DE HVC MVNDO SI ESSET PVTĀS MINISTRI MEI (ISTO SE) TRADERER (MEI) [...] SI FVISSET [...].</p> <p>– ERGO REX ES?</p> <p>– EGO IN HOC NATVS SVM. TESTIMONIVM VERITATI PERHIBEAM. OMNIS QVI VERITATEM AVDIVNT VOCEM MEAM AVDIVNT.</p> <p>– VERĪTAS. QVID EST VERĪTAS?</p>
Legenda em Português
<p>– Traga o aqui. Saiam!</p> <p>– Beba. Tu és o rei dos judeus?</p> <p>– Perguntas por ti mesmo? Ou porque outros te disseram isso a meu respeito.</p> <p>– Por que eu te perguntaria isso? Por acaso sou judeu? Teus sumos sacerdotes, tua própria gente te entregou a mim. Querem que eu te execute. Por quê? O que fizeste? Tu és rei?</p> <p>– Meu reino não é deste mundo. Se fosse, achas que os meus seguidores deixariam que eu fosse entregue?</p> <p>– Então, tu és rei?</p> <p>– Foi para isso que nasci. Para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, escuta minha voz.</p> <p>– Verdade! O que é verdade?</p>
<p>Obs.: O “V” do vocábulo “VERĪTAS” e de outras palavras iniciadas pela mesma “consoante moderna”, sempre é pronunciado [ˈvɛrɪtʌs] e isto indica que o tipo de pronúncia utilizada foi a Eclesiástica (SOUZA, 2010).</p>

Diálogo entre Pilatos e Cláudia – parte II (período da ocorrência: 46 - minutos)
Transcrição Fonética
[k <sup>w</sup> 'id'est'veretas'klawdia 'em'awdis 'emkɔ'ɲɛʃi'k <sup>w</sup> uandɔ'diʃitur 'ita'awdiɔ'nɔni'tu 'k <sup>w</sup> omodo'pɔtesmedi'tʃɛɛ 'si'non'visvɛɛ'tatemaw'dirɛ 'nemɔtibiditʃɛɛpɔtest 'veritas 'vis'mɛa'veritatemkɔ'ɲɔʃɛɛ 'klawdia rɛbeli'onɛs'uprimeɛbam 'in'easta'sione rɛ'mɔta 'undɛʃim 'anus 'si'huk'nonkondem'nabɔ 'ʃiɔ'kajfam sɛditsi'onɛm in'septurum'ɛɛ 'si'itakonbem'nadɔ di'tʃipuli'eiusinisia'bunt] [...] ['sang <sup>w</sup> 'isi'funditur 'tʃɛzar'mɛ'mɔnuit'klawdia 'bis'mɔnuit 'vitʃɛ'prɔksima 'ipseiu'ravi 'sang <sup>w</sup> 'is'erit'mɛus 'ɛkest'mɛa'veretas]
Reconstrução morfológica em Latim
– QUID EST VERĪTAS, CLAVDĪA? EAM AVDIS, EAM COGNOSCIS QUANDO DICĪTVR? – ITA, AVDĪO. NONNE TV? – QVOMODO? POTES ME DICĚRE? – SI NON VIS VERITATEM AVDIRE, NEMO TIBI DICĚRE POTEST? – VERĪTAS. VIS MEAM VERITATEM COGNOSCĚRE, CLAUDIA? REBELLIONES OPRIMEBAM IN EA STATIONE REMOTA VNDĚCIM ANNOS. SI HVNC NON CONDEMNABO SCIO CAĪAPHAM SEDITIONEM INEPTVRVM ESSE. SI ITA CONDEMNABO, DISCIPVLI EIVS INITIABVNT [...] SANGVIS IFVNDĪTUR. CAESAR ME MONVIT, CLAVDIA. BIS MONVIT. VICE PROXIMA, IPSE IVRAVI SANGVIS ERIT MEVS, HAEC EST MEA VERĪTAS.
Legenda em português
– O que é verdade, Cláudia? Tu a ouves, reconheces quando alguém a diz? – Sim, eu ouço. Tu não? – Como? Podes me dizer? – Se não queres ouvir a verdade ninguém pode te dizer. – Verdade... Quer saber qual é a minha verdade, Cláudia? Levo 11 anos sufocando revoltas nesta província asquerosa. Se eu não condenar este homem. Sei que Caifás vai começar uma revolta. E se eu o condenar, os discípulos dele é que vão começar. Seja como for, vai jorrar sangue. Cesar me alertou, Cláudia. Duas vezes. Ele jurou que da próxima vez o sangue seria o meu. Essa é a minha verdade!
Obs. O vocábulo “CAESAR” é pronunciado [tʃɛzar] e isto indica que pronúncia Eclesiástica foi, mais uma vez, usada, pois o uso da africada [tʃ] é uma marca exclusiva desta pronúncia do latim. É uma pronúncia italianizada (SOUZA, 2010).

### 3.2 Transcrições Fonéticas das falas em Latim (O flagelo de “Jesus”)

O açoite sofrido por Jesus no filme *A Paixão de Cristo* é muito intenso (e dura aproximadamente 13 minutos). Na cena que antecede o flagelo, enquanto alguns soldados escolhem os instrumentos para surrá-lo, os outros conversam sobre como vai ser o flagelo e zombam sarcasticamente de Jesus; passado este momento, eles se preparam e iniciam uma sequência de chibatadas que vai de “uma” até “trinta e duas”. Os números são pronunciados da seguinte forma:



Números (Cardinais)	Transcrição Fonética	Reconstituição Morfológica em Latim
01	['unum]	VNVM
02	['duo]	DVO
03	['tria]	TRIA
04	['k <sup>w</sup> atuor]	QVATTVOR
05	['k <sup>w</sup> ink <sup>w</sup> ε]	QVINQVE
06	['seks]	SEX
07	['septem]	SEPTEM
08	['okto]	OCTO
09	['novem]	NOVEM
10	['deftem]	DECEM
11	['undeftim]	VNDĚCIM
12	[du'odetfim]	DVODĚCIM
13	['tredetfim]	TREDĚCIM
14	[k <sup>w</sup> atu'ordetfim]	QVATTVORDĚCIM
15	['k <sup>w</sup> indetfim]	QVINDĚCIM
16	['sedetfim]	SEDĚCIM
17	[sep'temdetfim]	SEPTEMDĚCIM
18	[duodevi'dzinti]	DVODEVIGINTI
19	[undevi'dzinti]	VNDEVIGINTI
20	[vi'dzinti]	VIGINTI
21	[vi'dzintiunum]	VIGINTI VNVM
22	[vi'dzintiduo]	VIGINTI DVO
23	[vi'dzintitria]	VIGINTI TRIA
24	[vi'dzintik <sup>w</sup> atuor]	VIGINTI QVATTVOR
25	[vi'dzintik <sup>w</sup> ink <sup>w</sup> ε]	VIGINTI QVINQVE
26	[vi'dzintiseks]	VIGINTI SEX
27	[vi'dzintisepsem]	VIGINTI SEPTEM

28	[vi'dʒintiɔktɔ]	VIGINTI OCTO
29	[vi'dʒintinɔvem]	VIGINTI NOVEM
30	[tri'dʒinta]	TRIGINTA
31	[tri'dʒintaunum]	TRIGINTA VNVM
32	[tri'dʒintaduɔ]	TRIGINTA DVO

Após o final da primeira etapa do açoite, os soldados recomeçam a surrá-lo novamente, desta vez o número das chibatadas é pronunciado de uma forma mais agressiva: cada número é dito com um alto grau de intensidade. Nesta etapa do flagelo de “Jesus”, a quantidade de chibatadas passa de trinta e duas, indo de “uma” a “quarenta”. A pronúncia dos números que estão abaixo é semelhante aos da primeira tabela:

Números (Cardinais)	Transcrição Fonética	Reconstituição Morfológica em Latim
01	['unum]	VNVM
02	['duɔ]	DVO
03	['tria]	TRIA
04	[k <sup>w</sup> atuɔɾ]	QVATTVOR
05	[k <sup>w</sup> ink <sup>w</sup> ɛ]	QVINQVE
06	['seks]	SEX
07	['septem]	SEPTEM
08	['ɔktɔ]	OCTO
09	['nɔvem]	NOVEM
10	['dɛʃɛm]	DECEM
11	['undɛʃɛm]	VNDĚCIM
12	[du'ɔdɛʃɛm]	DVODĚCIM
13	['tredɛʃɛm]	TREDĚCIM
14	[k <sup>w</sup> atu'ɔrdɛʃɛm]	QVATTVORDĚCIM
15	[k <sup>w</sup> indɛʃɛm]	QVINDĚCIM
16	['sedɛʃɛm]	SEDĚCIM

17	[sɛp'tɛmdɛʃɪm]	SEPTEMDĚCIM
18	[duɔdevi'dʒinti]	DVODEVIGINTI
19	[undevidʒinti]	VNDEVIGINTI
20	[vi'dʒinti]	VIGINTI
21	[vi'dʒintiunum]	VIGINTI VNVM
22	[vi'dʒintiduɔ]	VIGINTI DVO
23	[vi'dʒintitria]	VIGINTI TRIA
24	[vi'dʒintik <sup>w</sup> atuɔr]	VIGINTI QVATTVOR
25	[vi'dʒintik <sup>w</sup> ink <sup>w</sup> ɛ]	VIGINTI QVINQVE
26	[vi'dʒintiseks]	VIGINTI SEX
27	[vi'dʒintisɛptɛm]	VIGINTI SEPTEM
28	[vi'dʒintiɔktɔ]	VIGINTI OCTO
29	[vi'dʒintinɔvɛm]	VIGINTI NOVEM
30	[tri'dʒinta]	TRIGINTA
31	[tri'dʒintaunum]	TRIGINTA VNVM
32	[tri'dʒintaduɔ]	TRIGINTA DVO
33	[tri'dʒintatria]	TRIGINTA TRIA
34	[tri'dʒintak <sup>w</sup> atuɔr]	TRIGINTA QVATTVOR
35	[tri'dʒintak <sup>w</sup> ink <sup>w</sup> ɛ]	TRIGINTA QVINQVE
36	[tri'dʒintaseks]	TRIGINTA SEX
37	[tri'dʒintasɛptɛm]	TRIGINTA SEPTEM
38	[tri'dʒintaɔktɔ]	TRIGINTA OCTO
39	[tri'dʒintanɔvɛm]	TRIGINTA NOVEM
40	[k <sup>w</sup> adra'dʒinta]	QVADRAGINTA

Finalizada esta segunda sequência de chicotadas, os soldados, mais uma vez, surram “Jesus”, entretanto desta vez só é possível identificar a pronúncia dos números de “um” a “dez”; os números posteriores são apresentados para o telespectador de uma forma visual (linguagem não-verbal) ao invés do uso de palavras (linguagem verbal), isto é, as imagens e cenas narram os efeitos das

chicotadas tanto em “Jesus” quanto nas pessoas que assistem ao seu flagelo. Não há nenhuma diferença fonética em relação às duas primeiras e por este motivo é desnecessário fazer tal repetição.

A partir da análise fonética dos numerais pronunciados pelos soldados romanos, pode-se perfeitamente afirmar que o tipo de pronúncia usado foi a Eclesiástica. Para se chegar a tal conclusão foi necessário verificar quais foram os *fonas* empregados nas pronúncias, como nos exemplos a seguir:

[v] (fricativa labiodental vozeada) - [vi'dʒinti] = VIGINTI

[tʃ] (africada alveopalatal desvozeada)- ['undɛtʃim] = VNDĚCIM

[dʒ] (africada alveopalatal vozeada) - [tri'dʒinta] = TRIGINTA

Os fones [v], [tʃ] e [dʒ] presentes nestes casos pertencem unicamente a Pronúncia Eclesiástica, uma vez que a Pronúncia Restaurada não apresenta, em sua composição, nenhum segmento consonantal classificado como: Fricativa labiodental vozeada - [v]; Africada alveopalatal desvozeada - [tʃ] e Africada alveopalatal vozeada - [dʒ].

De acordo com a Pronúncia Restaurada, os grafemas “V”, “C” e “G” citadas acima, teriam respectivamente a seguinte representação fonética: [w], [k] e [g] e os vocábulos seriam transcritos assim:

[w] - [wi'ginti] = VIGINTI

[k] - ['undɛkim] = VNDĚCIM

[g] - [tri'ginta] = TRIGINTA

Há um fato muito curioso em relação aos numerais 11; 12; 18 e 19 que merecem ser aqui apresentados:

a) O numeral 01 (um/uma) é VNVM, pois na situação na qual ele é posto ele está ligado implicitamente a um vocábulo neutro (*VERBER*: chibatada); o numeral 10 (dez) é DECEM, para obter “11” basta unir os dois termos, o resultado é este: VNDĚCIM. A primeira mudança é a perda das duas últimas letras - VM do vocábulo VNVM; a segunda ocorre apenas no segundo “E” do vocábulo “DECEM”.

b) O numeral 02 (dois/duas) é DVO e também se refere implicitamente a um vocábulo neutro (*VERBERA*: chibatadas), que mesmo sem ser pronunciado fica subentendido; para obter o numeral 12 repete-se apenas a segunda ação apresentada no item “(a)”: DVODĚCIM, pois neste caso não ocorre nenhuma perda das letras finais do vocábulo DVO.

c) Os numerais 18 (dezoito) e 19 (dezenove) usados pelos soldados são variações muito comuns naquele período. Há ainda outras variações para ambos os vocábulos:

DECEM ET OCTO ou OCTODĒCIM para DVODEVIGINTI – “18”  
 DECEM ET NOVEM ou NOVEMDĒCIM para VNDEVIGINTI – “19”

Tais exemplificações atestam que o Latim usado pelos soldados romanos durante o açoitamento de Jesus é fidedigno em relação ao Latim daquele período histórico. Não foram detectadas falhas ou erros de pronúncias e nem mesmo o uso do neutro (uma, duas, três...) foi mal utilizado, ao contrário, todos os *vocabulos fonológicos* foram muito bem articulados (pronunciados), principalmente o uso dos elementos (fonéticos e fonológicos) pertencentes à Pronúncia Eclesiástica. Poder-se-ia afirmar que esta parte do filme é a segunda mais importante para esta análise, pois é nela que se pode perceber e comprovar o quanto à linguagem usada no filme se aproxima do Latim do período em questão (SOUZA, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se então ao fim deste artigo, que de um modo objetivo, buscou apresentar algumas opiniões sobre o filme dirigido por Mel Gibson, para em seguida, empreender uma análise linguística das falas em Latim. *A Paixão de Cristo* é, evidentemente, uma produção bastante incomum, seja pelo modo como as cenas são exibidas, seja devido à presença de línguas “mortas”. De uma forma ou de outra, o impacto na plateia é inegável.

Há relatos que afirmam que no filme, os personagens falam os mesmos idiomas da época em que Cristo teria existido (ESPÍNDOLA, 2008, p. 64; SADOVSKI, 2004a, p. 20). Não se pode afirmar, no entanto, se o Aramaico e o Hebraico são fidedignos aos idiomas originais, visto que neste artigo, apenas o Latim foi investigado. Deste modo, as considerações que aqui serão expostas, dizem respeito unicamente às pronúncias das falas em Latim como já foi dito.

Sobre o Latim que foi adotado pelos personagens, afirmar-se, *a priori*, que é o Eclesiástico, uma pronúncia empregada na Idade Média por abades católicos. (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2010, p. 122). Talvez por esta razão, que muitos criticam o uso deste idioma nos diálogos do filme. Esperava-se o Grego ou o Aramaico ou até mesmo o Inglês ao invés do idioma do Lácio (IRWIN, 2004, p. 167; GRACIA, 2004, p. 181).

*A posteriori*, com base nas análises linguísticas que foram realizadas, constatou-se que as falas em Latim pertencem ao Latim Vulgar, apresentado em determinadas situações, variações da modalidade erudita (culto).

Seria realmente inaceitável que a Pronúncia Tradicional estivesse presente nas falas dos personagens, pois como se sabe a pronúncia do Latim sofreu muitas alterações nos muitos países em que ela tem sido analisada, grande parte das mudanças se adaptou as características fônicas da respectiva língua nacional.

No Brasil, por exemplo, esta pronúncia assemelha-se à de Portugal. Portanto, como Mel Gibson queria ser o mais realista possível, decidiu adotar as pronúncias do latim que mais se aproximariam do idioma falado naquele período, isto é, o diretor buscou (e de certo modo, conseguiu) apresentar um Latim “em tempo real”.

Este estudo se baseou apenas nas pronúncias do Latim adotadas no Brasil, ou seja, as características fônicas “portuguesas” da Tradicional são recentes e não existiam na época na qual o Cristo viveu. Consequentemente restaram apenas a Eclesiástica e a Restaurada.

Após inúmeras análises, percebeu-se que a pronúncia dominante no longa-metragem era a Eclesiástica, com algumas alternâncias para a Restaurada; sendo assim, notou-se que a exclusão dos elementos fonéticos e fonológicos pertencentes à Tradicional, tornou o Latim do filme bastante realista, fidedigno. As amostras e análises fonéticas que foram apresentadas no último tópico apontam para a conclusão de que o Latim usado nos discursos dos personagens do filme é muito próximo do idioma falado na época em que Jesus Cristo viveu.

## Notas

<sup>1</sup> O *esqueleto* deste artigo é fruto de uma adaptação de uma conclusão/apresentação da Monografia de Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (URCA), sob a orientação do Doutor (na época Especialista) Francisco de Freitas Leite, no ano de 2006.1. Monografia esta cujo título era *Transcrições fonéticas do Latim falado em “A Paixão de Cristo”, filme dirigido por Mel Gibson* (que não foi publicada até o momento). Recentemente, em 2010, apresentei uma conferência na mesa-redonda “Pesquisas em Estudos Clássicos”, na qual voltei a discutir o tema do uso do Latim no filme. Agora, a partir de sugestões recebidas, reformulei e reavaliei as análises, alterando o próprio título do artigo para: *O que as falas do filme “A Paixão de Cristo” revelam?* Deste modo, o presente estudo é o aprimoramento e aprofundamento das últimas pesquisas realizadas sobre o tema.

---

## Referências

---

A PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. Produção: Bruce Davey, Mel Gibson, Stephen McEveety e Enzo Sisti. Intérpretes: Jim Caviezel, Monica Belluci, Maia Morgenstern e Hristo Shopov. Roteiro: Mel Gibson e Benedict Fitzgerald. Música: John Debney. Edição: John Wright. EUA: Iacon, 2004. 1 DVD (126 min), widescreen, color. Idiomas: latim, hebraico e aramaico. Distribuição: Newmarket Films/Century Fox Films. Título original: *The Passion of the Christ*.

CALDAS FILHO, Carlos R. **A Paixão de Cristo**: impressões. Disponível em: <[http://www.centrostudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/a\\_paixao\\_de\\_cristo\\_impresoes.pdf](http://www.centrostudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/a_paixao_de_cristo_impresoes.pdf)> Acesso em: 02 dez. 2014.



CASTRO, Manuel Antônio. “A Paixão de Cristo” segundo Mel Gibson. **Revista.doc**. Rio de Janeiro: UFRJ, ano VIII, n. 3, p. 1-13, jan/jun 2007.

COSTA, Wagner Veneziane. Introdução da edição brasileira. In: GRACIA, Jorge J. E. (Org.); IRWIN, William (Coord.). **A Paixão de Cristo: Mel Gibson e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2004. p. 13-32

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática histórica**. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 2. rei. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992.

IRWIN, William. A pergunta de Pilatos: O que é verdade? In: GRACIA, Jorge J. E. (Org.); IRWIN, William (Coord.). **A Paixão de Cristo: Mel Gibson e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2004. p. 161-171.

ESPÍNDOLA, Bernardo Rodrigues. **A adaptação fílmica e as três dimensões da tradução intersemiótica**: a representação dos Evangelhos no filme A Paixão de Cristo. f 119. Dissertação (Metrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

FUNANI, Pedro Paulo A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2002.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e pratica do latim**. Brasília: Ed. UNB, 2008.

GRACIA, Jorge J. E. Como podemos saber o que Deus realmente quer dizer? A abordagem das Escrituras por Gibson. In: GRACIA, Jorge J. E. (Org.); IRWIN, William (Coord.). **A Paixão de Cristo: Mel Gibson e a Filosofia**. São Paulo: Madras, 2004. p. 173-186.

LEITE, Francisco de Freitas. **O Latim em Cartas do Cariri Cearense**: final do século XIX e início do século XX. João Pessoa: Ideia, 2009.

LEME, Odilon Soares. **Linguagem, literatura e redação**. São Paulo: Ática, 2003.

MATEUS, S. O santo evangelho segundo S. Mateus. **A Bíblia Sagrada contendo o velho e o novo testamento**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida; com referências e algumas variantes. Ed. rev. e cor. na grafia simplificada. 39. imp. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977. p. 3-40.

SADOVSKI, Roberto. The Passion of the Christ. **Revista SET: cinema, DVD e entretenimento**. São Paulo: Ed. Peixes, ano 17, ed. 199, p. 20, jan. 2004a.

\_\_\_\_\_. Ele está entre nós – Mel Gibson faz de A Paixão de Cristo um exercício de polêmica, violência, perseverança, poder e, principalmente, de fé. **Revista SET: cinema, DVD e entretenimento**. São Paulo: Ed. Peixes, ano 17, ed. 201, p. 22-29, mar. 2004b.

SOUZA, Adilio Junior de. Transcrições fonéticas do latim falado em “A Paixão de Cristo”. In: MESA-REDONDA “PESQUISAS EM ESTUDOS CLÁSSICOS”, 2010, Crato. **Tópico temático**. Crato, 2010.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. Uma proposta de descrição da pronúncia do latim clássico no final da república romana. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 16, n. 46, p. 122-146, jan/abr 2010.

---

### Para citar este artigo

---

SOUZA, Adilio Junior de. O que as falas do filme “A Paixão de Cristo” revelam? **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 04-25, jul.-dez. 2014.

---

### O autor

---

**Adilio Junior de Souza** é formado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), possui duas especializações, uma pela URCA e outra pela Faculdade Católica do Cariri (FCC) e atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem experiência em Filologia Românica e Portuguesa, Língua e Literatura Latina. É membro do *Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base*, da UFPB.

Este trabalho recebeu apoio/financiamento da CAPES.